



Memórias de uma história: a psicologia social em São Paulo

Memories of a history: social psychology in São Paulo

Paulo Roberto de Andrada Pacheco

Aline Pereira

Bárbara Cocenza Carvalho

Eleonora Corazza Stefani

Fernando de Paula Ensinas

Lurdes Afonso de Andrade

Sérgio Delboni Martins

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Brasil

Resumo

A Psicologia Social no Brasil passou por transformações relacionadas à reflexão crítica de sua produção, à assunção de nova postura acerca do lugar do conhecimento e ao questionamento do papel dos intelectuais frente à realidade latino-americana. A partir do método fenomenológico, resgatou-se a memória dos atores sociais diante da busca pela identidade da Psicologia Social em São Paulo, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970. Por meio de entrevistas, recuperaram-se os principais autores e as teorias que influenciaram tais reflexões, ao mesmo tempo em que a narrativa pessoal, introduz-nos ao universo das dificuldades e conquistas experimentadas. Mostrou-se recorrente nos relatos a importância de se reavivar o papel daqueles que assumiram o lugar de bandeirantes desse *sentir, pensar e agir* que se inaugurava. Ademais, como consequência dos movimentos da memória, apresentou-se uma releitura das práticas do psicólogo social, a partir da contemporaneidade, e dos desafios que se impõe ao fazer acadêmico, hoje.

Palavras-chave: memória e história; psicologia social; “escola de São Paulo” de psicologia social

Abstract

Social Psychology in Brazil has gone through changes related to a critical reflection of its production, to the assumption of a new stance about the place of knowledge, and the intellectual's questioning role before the Latin-American social reality. Through the phenomenological method, we recovered the social authors' memory before the search of an identity of Social Psychology in São Paulo, especially in the 1960s and 1970s. Through interviews, the main authors and theories, which influenced such reflections, were recovered, at the same time in which the personal narratives lead us to the universe of the difficulties and the achievements experimented in the period. The report recurrently shows the importance of reviving the role of those who assumed the position of settlers of such way to *feel, think and act*. Moreover, as a consequence of the motion of memory, we presented a reinterpretation of the social psychologist's practices in contemporaneity, and the challenges imposed to the academic work nowadays.

Keywords: memory and history; social psychology; social psychology school “Escola de São Paulo”



Introdução

A presente pesquisa teve como objetivo geral retratar o percurso historiográfico por meio do qual, no contexto universitário, tornou-se possível a reflexão crítica da produção no campo da Psicologia Social na cidade de São Paulo, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970. Propusemos a reconstrução histórica por meio do resgate da memória e da narrativa pessoal de seus atores sociais e das influências teóricas recebidas que possibilitaram a assunção de uma nova postura voltada para a discussão do lugar do conhecimento e da transformação social. O modelo vigente até a referida década – o modelo anglo saxônico – era importado acriticamente e conflitava com as particularidades locais (Guedes, 2008; Sandoval, 2000).

A partir da pergunta "por que estudar a história da Psicologia Social?", que motivou um primeiro nível de exploração do tema, demo-nos conta de que seu enfrentamento implicaria na busca de uma melhor compreensão da contribuição da memória para o estabelecimento da verdade histórica e, sobretudo, o sentido conferido a ela.

Além do mais, quisemos entender como o contexto histórico-social contribuiu para se pensar na necessidade de uma Psicologia Social comprometida com a realidade nacional. Bem como identificar, no momento presente de produção de saber em Psicologia Social, os impactos dessa transformação ocorrida no que diz respeito à prática profissional e identificar os impactos desta transformação no âmbito nacional sobre a identidade da Psicologia Social latino-americana.

Método

Do ponto de vista epistemológico, debruçamo-nos sobre a “musa da narrativa” (Benjamin, 1936/2010) – a memória – para reconstruir a história da Psicologia Social em São Paulo. Elegê-la como instrumento metodológico implicou na busca pela história do vivido existencial em oposição à história meramente escrita, que se reduz, no mais das vezes, à mera sequidade dos números e dos documentos (Olmos, 2003).

A respeito da memória, Bosi (2003) assinala que não carrega uma preocupação com o fato real ou irreal; antes, é portadora das contradições, sentidos e tensões da vida cotidiana, é mediação simbólica e afetiva¹. Seu exercício se pauta em testemunhos vivos para reconstruir as mentalidades, os comportamentos e os sentimentos inerentes a um mesmo período histórico. Halbwachs (1995), por sua vez, assinala que, ao passo que a memória possui limites irregulares e incertos, a história introduz na continuidade dos fatos divisões simples e os agrupa em conjuntos sucessivos e separados, em períodos com princípio, meio e fim. A

¹ Confira também Benjamin (1936/2010), para quem o narrador recorre a um acervo de experiências de toda uma vida – a saber, a memória –, vida esta que engloba, em grande parte, a experiência alheia, de forma que as suas vivências compõem a matéria-prima da memória.



conjugação entre história e memória nos possibilita restaurar mais do que uma história vivida, mas igualmente uma história que está viva na consciência de um grupo. Destarte, entendemos que o resgate da história por intermédio da memória viabiliza a construção de “uma forma de história vivente” (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 293). Diante disso, quisemos buscar os fios para a reconstrução da história da Psicologia Social em São Paulo nos fios das narrativas dos atores sociais envolvidos com a produção de saber nesta área.

Concernente à coleta dos dados, realizamos entrevistas livres no período de setembro a novembro de 2014, com os seguintes atores sociais: Antônio da Costa Ciampa, Bader Burihan Sawaia, Maria do Carmo Guedes, Salvador Antonio Mireles Sandoval e Sylvia Leser de Mello. Ressalta-se que este instrumento foi eleito com base na consideração de que a narrativa se refere à visão daquele que narra e que, portanto, a entrevista livre possibilitaria ao entrevistado realizar seu próprio recorte a respeito de sua implicação com a constituição do saber na área da Psicologia Social (Benjamin, 1936/2010).

No tocante à análise do material coletado, utilizamos os pressupostos metodológicos da Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 2000), bem como o método fenomenológico de Giorgi (Moreira, 2002). A conjugação dos métodos citados se justifica posto que visávamos analisar concomitantemente aquilo que é comum num determinado conjunto de narrativas, sem, entretanto, perder de vista os aspectos sócio-históricos intrínsecos a essas formas simbólicas.

Assim, num primeiro momento, identificamos e reconstruímos as *condições sócio-históricas* em que os atores sociais envolvidos com a produção de saber na área da Psicologia Social no Brasil estavam inseridos, no momento em que se pensou a necessidade dessa Psicologia Social implicada com a realidade nacional. A análise sócio-histórica nos permitiu compreender o contexto social e o momento histórico específicos em que as narrativas circulavam e foram recebidas (Thompson, 2000). Na segunda etapa, a fim de evidenciar as unidades de sentido elaboradas pelos narradores, valemo-nos da perspectiva fenomenológica apresentada por Giorgi.

Resultados

A fim de compreender o desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil, sobretudo com regionalidade em São Paulo, apresentamos os resultados de acordo com a seguinte divisão: 1) dos inícios à década de 1970; 2) a década de 1970; e finalmente 3) da década de 1980 em diante. Além do mais, tendo em vista a questão metodológica proposta por Giorgi (Moreira, 2002), destacaremos com **negrito**, ao longo do texto, na primeira vez em que aparecem, as unidades de sentido que foram identificadas nas narrativas.



1. Dos inícios a 1970

Como área específica de conhecimento, a Psicologia Social começou a ser delimitada em São Paulo na década de 1930, quando a Escola Livre de Sociologia e Política organizou, em 1933, o primeiro curso de Psicologia Social, ministrado por Raul Briquet (1887-1953). Além deste, outros três cursos do período merecem destaque, a saber: Arthur Ramos (1903-1949), em 1935, na Escola de Economia e Direito da antiga Universidade do Distrito Federal no Rio de Janeiro; Donald Pierson (1900-1995), nos anos 40 na Escola Livre de Sociologia e Política; e Nilton Campos (1898-1963), na década de 50, com o curso de Psicologia Social e Econômica, na Faculdade Nacional de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil. Segundo Bomfim (2004), estes cursos eram marcados pela visão generalista, que privilegiava perspectivas teóricas como Behaviorismo, Gestalt e Psicanálise e entendia a Psicologia Social como um campo de interseção entre outras áreas.

Ainda na década de 1930, no Laboratório de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), iniciou-se o desenvolvimento de pesquisas em Psicologia Social com as contribuições de Noemy da Silveira Rudolfer (1902-1980), Betti Katzenstein Schoenfeldt (1906-1981) e **Aniela Meyer-Ginsberg** (1902-1986). Em 1937, foi fundado o Laboratório de Psicologia Social da Escola Livre de Sociologia e Política, com Aniela como coordenadora e pesquisadora desenvolvendo estudos sobre propaganda (Goski & Schnaider, 2014).

Em 1945, o norte-americano Otto Klineberg (1899-1992) ministrou aulas em um curso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e, no ano seguinte, organizou-as no Boletim de Psicologia, com o título *Introdução à Psicologia Social*, no qual enfocava a importância do social na Psicologia. Esta obra se tornou livro-base para a disciplina de Psicologia Social, ministrada por Annita de Castilho Marcondes Cabral (1911-1991) – personagem esta que seria importante para a consolidação da Psicologia Social na USP. A tese de doutorado *O caráter nacional brasileiro*, de Dante Moreira Leite (1927-1976) – orientando de Annita –, destaca-se como um marco na Psicologia Social brasileira nos anos de 1950 e foi lida em vários países.

A partir dessa mesma época, Aniela Ginsberg, por sua vez, seguiu seus estudos com o interesse voltado para a Psicologia Intercultural e trabalhou, a partir de então, com a Psicologia Social. Em 1959, Otto Klineberg publicou o livro *Psicologia Social*, que passou a ser usado nas disciplinas da área a partir de então. Neste período, percebe-se o início da produção brasileira e, com isso, o encerramento da **hegemonia anglo-saxã** (Goski & Schnaider, 2014).

Com o **golpe militar** em 1964 e a instalação de um regime ditatorial e repressor, a década de 1960, no Brasil, foi marcada por intensas mudanças no contexto social, econômico



e político e também na Psicologia – que teve seu reconhecimento como **ciência e profissão** somente em 1962.

Dentre as modificações sofridas pelo ensino superior brasileiro ao longo dos anos, destaca-se a **reforma universitária de 1968**, produto do regime militar instaurado no país anos antes. Além de formar mão-de-obra para a economia nacional, a reforma proporcionava o controle político das universidades públicas do país². A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tomou a linha de frente do combate à ditadura e na defesa da liberdade, dos direitos e da democracia. Com a ditadura, a **Igreja Católica**, representada pela PUC-SP e seu então Grão-Chanceler, Dom Paulo Evaristo Arns, se envolveu num processo de transformação, denúncia e democratização na América Latina (cf. Nagamine, 2003). Assim, conforme recorda Maria do Carmo Guedes, “na PUC, nós tínhamos um grão-chanceler, que era o Dom Paulo Arns. (...) Então, ficamos debaixo de um ‘guarda-chuva’ maravilhoso, (...) e a ditadura não conseguia entrar na PUC”.

Bader Sawaia relata que **ingressou na PUC-SP** no ano em que a universidade parou. Neste momento, a personagem descreve a inventividade de **Silvia Tatiana Maurer Lane** (1933-2006) – que já se encontrava na referida universidade desde 1965 –, ao propor diversas atividades que ganharam caráter interdisciplinar, pois qualquer aluno da PUC poderia participar. Em suas palavras: “os próprios alunos organizavam as palestras, o currículo, aquilo que eles queriam que fosse debatido; e a Silvia arrebatava a gente, com aquela sinceridade, com aquela honestidade ético-política e como ela lidava com a teoria. Eu me encantei!”.

Ainda a respeito das alterações geradas nas universidades – como a escolha dos reitores estabelecida pelo Presidente da República, a anulação dos movimentos estudantis e o aumento dos programas de extensão (cf. Antunes, Silva & Bandeira, 2011) –, tem-se a criação dos Departamentos e a divisão dos institutos em núcleos, que, segundo Sylvia Leser, culminou na criação de um departamento exclusivo de Psicologia Social na USP:

Foi um momento em que fragmentaram toda a Faculdade de Filosofia e um desses fragmentos foi o Instituto de Psicologia. Então, a Reforma Universitária organizou de um modo diferente os departamentos. O Instituto de Psicologia foi criado com quatro departamentos, mas só havia professores titulados para a criação de dois, que eram os departamentos de Psicologia Experimental – que tinha um número grande de professores doutores –, e o de Psicologia da Aprendizagem. Esses dois abrigaram, durante certo tempo, os dois outros: o de Psicologia Social e o de Psicologia Clínica. Então, na verdade, o Departamento de Psicologia Social só foi criado quando nós trouxemos um professor que já era docente e fez o concurso de professor titular, e aí se criou o Departamento de Psicologia Social, que tinha cinco ou seis professores, não mais do que isso.

² Neste período, grandes universidades como a Universidade de Brasília (UnB) e a USP foram afetadas: houve o desmanche da UnB e a demissão de professores da USP – que foram, posteriormente, contratados pela PUC-SP, como Florestan Fernandes, por exemplo.



Entretanto, na época da criação do referido departamento, surgiu também a necessidade de uma Psicologia Social voltada para a realidade brasileira, ou seja, com foco nas relações e problemas sociais vividos dentro do país e interesse em conhecer e se articular com a população do Brasil. Assim, passa-se a questionar as teorias e modelos americanos, como afirma Leser:

O que esse pequeno departamento, que tinha seis professores fez, foi criar, dentro da Universidade de São Paulo, uma Psicologia Social que não existia. Porque Psicologia Social, pelo que a gente entende é algo que tem a ver com a sociedade e onde ela se desenvolve, mas, na verdade, o que se fazia era importar modelos americanos. A Psicologia que existia era muito ligada à Psicologia Experimental, naquela linha de metodologia skinneriana, de modificação do comportamento.

Concomitantemente à criação do Departamento de Psicologia Social da USP, entre os anos 1969 e 1970 e, distante de ser mera coincidência, começou a ser criado o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP, como lembra Guedes: “Aniela Ginsberg criou o curso de Pós-Graduação em Psicologia Social na PUC e Silvia Lane, que era orientanda da Aniela, ajudou a criar o curso”. O programa também tinha como compromisso elaborar uma Psicologia Social diferente do modelo vigente e formar pesquisadores interessados em conhecer a realidade brasileira.

2. 1970

Embora o curso de Psicologia da PUC-SP tenha sido elaborado em 1970, ele teve início apenas no segundo semestre de 1972, oferecendo duas disciplinas: Psicologia Social e Pesquisa Intercultural (ministradas por Karl Sheibe e Aniela Ginsberg, respectivamente). No ano seguinte, introduziram-se duas novas disciplinas: Psicologia da Linguagem e Pequenos Grupos – ambas ministradas por Silvia Lane. No programa eram exigidos também outros créditos, como Lógica, Estatística e Metodologia; todavia, eram cumpridos em outros cursos como Ciências Sociais e Psicologia da Educação (cf. Guedes, 2008). No entanto, este seria apenas o início do programa, que se via ainda mais próximo de seu compromisso social no momento em que Silvia Lane passou a coordená-lo – cinco anos após sua criação. Neste momento também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) começou a credenciar os cursos de Pós-Graduação, implantando requisitos a cumprir. A turma que entrou em 1975, por sua vez, reivindicava ao programa maior ênfase deste compromisso relacionado à compreensão dos problemas da realidade brasileira. Conforme recorda Guedes:

A gente embarcou na ideia de que os alunos queriam mais relação teoria e prática... pelo menos os alunos da PUC estavam exigindo isso da gente. Então, a gente



começou a ter muita prática, para poder falar de teoria, e a Silvia, queria de todo modo falar da realidade brasileira.

Foi neste período, da criação da referida Pós-Graduação, que muitas das personagens entrevistadas entraram em cena na Psicologia Social. Em seu relato, Salvador Sandoval aponta que a sua vinda ao Brasil se deu mediante o contato com Silvia Lane, quando esta última fora realizar uma parte de seu doutorado nos Estados Unidos. Durante o período em que trabalhou como docente no México, Sandoval conheceu Joel Martins, um dos criadores da Pós-Graduação da PUC-SP, responsável por lhe apresentar à Silvia Lane.

Lane, sabendo do envolvimento de Sandoval com a Psicologia Política, o convidou, no final da década de 1970, para ministrar cursos nesta área ainda inexistente no Brasil, mais especificamente no eixo de movimentos sociais: *“Quando cheguei fui conversar com ela. Ela se interessou e quis saber se eu queria entrar no mestrado, ministrando o curso de Comportamento Político. Eu tinha familiaridade com a Psicologia Social que a Silvia propunha”*.

A Psicologia Social proposta por Silvia Lane era aquela à qual Sawaia se refere como sendo *“a ‘nossa’ Psicologia”*, que diferia da Psicologia Social Clássica, pautada na teoria behaviorista e cognitivista. Por este mesmo motivo, Lane também convidou Sawaia para dar aulas na Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP – após a conclusão de seus estudos na própria instituição –, uma vez que a personagem possuía formação na área da Sociologia e, portanto, poderia contribuir com um olhar comprometido com a realidade social. Assim, aos poucos, Sawaia construiu o seu próprio núcleo dentro da Pós-Graduação, que viria a se chamar Núcleo de Estudos da Dialética Inclusão-Exclusão.

Sawaia afirma ainda que o movimento preocupado com o compromisso social da Psicologia já borbilhava na Europa, sobretudo por meio da luta antimanicomial e no que diz respeito às discussões acerca da pressuposta neutralidade do analista: *“a pseudoneutralidade científica, na verdade, significava um compromisso da Psicologia com o status quo, com a burguesia”*. Além disso, aponta que tais críticas chegaram, num primeiro momento, na Sociologia e, posteriormente, na Psicologia. Conforme relata a personagem,

A Psicologia será uma das últimas ciências a se engajar nesse movimento e trazer para si a reflexão sobre a própria teoria. Começa com o movimento antimanicomial, com a Psicanálise, com a crítica de que a Psicologia era uma ciência burguesa, a serviço apenas das classes abastadas e que ela não se sujava com a pobreza, nem conhecia a pobreza. Toda a teoria dela foi elaborada e se colocava como intervenção fundamental para essa classe, para essa camada social. E mais importante: uma ciência, portanto, da adaptação; adaptar as pessoas à situação social, sem questioná-la. O problema estava na pessoa que deve ser trabalhada para que ela volte a se inserir naquela sociedade, sem se preocupar com o fato de que é aquela sociedade que produz a patologia, aquele problema.

Sandoval relata também que a criação do Programa de Pós-Graduação enfrentou dificuldades, posto que coincidiu com o momento em que a CAPES iniciou o credenciamento



de programas de Pós-Graduação, também no final da década de 1970. Ademais, neste mesmo período, surgiram conflitos entre diversas universidades, por razões do enfoque pretendido pelo grupo da PUC-SP, a saber, a Psicologia Social proposta por Lane – proposta esta que, segundo o entrevistado, consistiu em um progresso, pois “arejou a área”. Neste sentido, “tínhamos dois passos para frente: um passo para a introdução de uma Psicologia mais política e crítica acerca do contexto social e, também, outro passo que era realmente trazer uma literatura já corrente fora do Brasil”.

Ademais, Sandoval, cuja formação se deu em Ciências Políticas pela *The University of Michigan*, já havia entrado em contato com a Psicologia Comunitária. Este contato se deu apesar da hegemonia da Psicologia Experimental na América do Norte. A Psicologia, segundo o entrevistado, era a única ciência que não se posicionava crítica e politicamente ante a realidade social.

Sawaia acrescenta que foi por meio da criação do Programa de Pós-Graduação e da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) que se iniciou a “batalha” por mudanças nos enfoques teóricos, pela busca de outros referenciais. A entrevistada aponta que Lane apoiou-se no marxismo e trouxe autores que descobria em suas viagens, como Moscovici e a teoria das Representações Sociais, Vigotski e outros autores da Psicologia russa. Dessa forma, possibilitou-se a criação do programa e incentivou-se a pesquisa, não só teórica, mas, também, prática, pois

era preciso conhecer como o povo vive, como se configuram as subjetividades... Por que ele se mantém na alienação? Por que o colonialismo marcou nosso corpo e nossa alma? Então, realmente somos alienados? Não tem saída? Essas perguntas não podiam ser respondidas teoricamente, era preciso fazer pesquisa. E o lugar para se fazer pesquisa só poderia ser na Pós-Graduação.

Ainda a respeito da criação da Pós-Graduação da PUC-SP, Antônio Ciampa tece algumas considerações. A personagem, que entrou em 1963 como estudante e, em 1968, já era bacharel, passou a ministrar aulas na mesma instituição a convite de Joel Martins. De acordo com o entrevistado, Silvia Lane e Maria do Carmo Guedes formavam uma dupla muito bem articulada, e logo favoreceram o trabalho realizado por meio da proposta de uma Psicologia Social latino-americana, voltada ao compromisso social a despeito daquilo que era feito por autores da Psicologia Social Tradicional como Aroldo Rodrigues.

Os finais da década de 1970 foram marcados pela consolidação dos debates e reflexões a respeito da nova postura da Psicologia. O Congresso Interamericano de Psicologia (SIP) de 1976, nos Estados Unidos, fomentou o debate em torno da ênfase crítica e metodológica, sem, entretanto, culminar na elaboração de propostas. Já no congresso seguinte, em 1979 (Peru), as críticas e reflexões a respeito da necessidade de um compromisso social da Psicologia se concretizaram (cf. Carvalho & Souza, 2010).



Um dos primeiros aspectos de tal consolidação foi a criação das Associações Nacionais. Neste momento, apontou-se a necessidade da construção de um espaço que viabilizasse aos psicólogos sociais o debate acerca das questões inerentes ao seu contexto nacional. Assim, no mesmo ano, tem-se a formação da “*Comissão Provisória Pró Formação da ABRAPSO*”, a qual culminará, na década de 1980, no nascimento da Associação Brasileira de Psicologia Social. Sawaia relata que

esse movimento sai da proposta de criar em cada país da América-Latina uma Associação de Psicologia Social. A partir disso, Silvia vai criar a ABRAPSO. (...) Antes dela, já havia sido criada a da Venezuela (AVEPSO). E vai ser, para nós, outro marco. Como ela [Silvia] vai institucionalizar e concretizar essa proposta? Através da criação da Pós-Graduação e da criação da Associação Brasileira de Psicologia Social.

Segundo Sandoval, com a emergência da Psicologia como uma profissão regularizada e a padronização da formação na área – com seus respectivos cursos de graduação e Pós-Graduação –, a Psicologia se tornou, de certa maneira, regionalizada dentro das universidades – sobretudo a área social. Nota-se, no período, certa dificuldade na troca de conhecimentos em categoria nacional, o que levou a produção científica a se restringir aos locais de produção e se valer das teorias hegemônicas da época, sobretudo em universidades de grande porte.

Assim, um marco na consolidação da Psicologia Social foi a fundação da ABRAPSO, com Silvia Lane como uma das principais criadoras. Este nascimento objetivava justamente difundir ao máximo uma Psicologia Social criada nacionalmente e, com isto, permitir que houvesse uma expansão da ciência em diversas universidades do Brasil, independente do porte. Posteriormente, a ABRAPSO começou a promover congressos regionais, alternadamente aos nacionais, que facilitavam a adesão de diversas instituições de menor porte, iniciando um processo de democratização da Psicologia, que passou a ser amplamente difundida em toda a América Latina; como relata Sandoval:

Por isso também na introdução da Psicologia, com a Silvia, a Psicologia Social latino-americana e a proposta da ABRAPSO também houve a democratização e instituição da área. Porque (...) a ABRAPSO se tornou uma instituição aberta, tanto em termos de que instituições de menor porte poderiam participar, como em representação, (...) e em termos de administração.

A abertura política no Brasil, em meados da década de 1980, se deu de maneira lenta e gradual. Com o fim da ditadura, no ano de 1985, e as heranças do processo de questionamento das práticas da Psicologia Social nos anos subsequentes, passa-se a assumir um fazer comprometido com a realidade; empenho este que persiste ainda hoje neste campo do saber, uma vez que a realidade está em constante movimento.



No que se refere a presente pesquisa, cabe aqui adiantarmo-nos à atualidade, uma vez que o recorte proposto objetivou retratar o percurso historiográfico da Psicologia Social em São Paulo até a década de 1980. Entretanto, os movimentos da memória de uma das personagens entrevistadas, levou-a a tecer considerações sobre as problemáticas que ainda persistem no currículo do ensino da Psicologia Social. Sandoval expõe a necessidade de “*dar um tom de ciência mais séria*” à Psicologia Social, produzida na contemporaneidade: “*Não ‘séria’ por parte de pesquisadores ‘não sérios’, mas por parte de como é tratada a sua própria produção*”. Isto posto, ele dirige críticas à produção acadêmica e narra que os materiais produzidos são, na verdade, “*coletâneas de livros e artigos dispersos*” e encara este fato como uma falha para a consolidação intelectual da área hoje.

Por fim, a personagem também questiona a irregularidade na presença de disciplinas voltadas à área de Psicologia Social; e nos apresenta a provocação: “*por que a área ainda não conseguiu se consolidar? Porque ela não conseguiu entrar na graduação*”. Para ele, este fato pode ser considerado como um ponto a ser repensado, já que a frequência, a intensidade e o formato em que aparecem as disciplinas de Psicologia Social na graduação variam de acordo com a instituição que as veicula.

Discussão

Tendo em vista que pretendíamos compreender a história da Psicologia Social por meio da memória dos participantes, buscamos o fio de ouro das narrativas – aquilo que perpassa e interliga os relatos obtidos por meio das entrevistas –, conforme nos ensina Bosi (2003). Atentamo-nos às narrativas dos memorialistas em suas ênfases e deslocamentos; hesitações e lacunas.

Segundo Bosi (2003), a memória oral não trilha um percurso dotado de marcações cronológicas rígidas; antes, segue o “*mapa afetivo*” da vivência. Em decorrência do recorte desta pesquisa – final da década de 1960 e início de 1970 –, observamos que os memorialistas teceram suas narrativas ancoradas em certa linearidade cronológica. Neste sentido, dificuldades se colocaram aos pesquisadores quanto a aproximação da complexidade do real, isto é, a combinação dos fatores cronológicos e afetivos assumindo diferentes perspectivas e incluindo os antagonismos, lacunas e contradições – muito embora não tenhamos aqui tido como objetivo a análise dos discursos, mas, sim, a reconstrução da história pelo relato oral.

Deste ponto de vista, há que se considerar que os atores sociais entrevistados foram as protagonistas da história a qual narram e, desta feita, possuem um conhecimento teórico e crítico sobre os fatos e não só a experiência vivida. Assim, notou-se que, por diversas vezes, os entrevistados apresentaram um discurso aparentemente colado à linearidade dos fatos, ou seja, marcado por uma cronologia rígida; contudo, análises posteriores revelaram que a



afetividade aparecia não obstante o recorte cronológico. Portanto, foi possível compreender por meio dos relatos, além do percurso histórico, a gênese dos conceitos estudados e utilizados atualmente na área, o porquê dos questionamentos e as mudanças ocorridas no âmbito da Psicologia Social, de forma mais aprofundada.

No decorrer deste estudo, evidenciou-se o diferencial trazido pela riqueza da recordação dos sujeitos de suas próprias vivências e emoções. Ao se levar em consideração que os entrevistados são todos professores da área, o fio de ouro encontrado foi o da “profissão”: as personagens quase sempre partiram das suas vivências profissionais e de seus estudos para construir os relatos de suas experiências - por exemplo, a entrada no curso de graduação, como começaram a dar aulas em Psicologia Social, como conheceram uns aos outros em congressos e eventos da área, etc.

Outro ponto interessante que encontramos foi que, por conta de as personagens terem vivido a época juntamente com o desenvolvimento de seus estudos na área, até as frases mais carregadas de emoção, vieram perpassadas por questões teóricas, como pudemos ver na fala de Sawaia: “*A Silvia arrebatava a gente com aquela honestidade ético-política*”, em que a entrevistada coloca lado a lado o “arrebato” de uma personalidade como a de Silvia Lane e a “honestidade ético-política” de seu engajamento teórico.

A ditadura aparece nos relatos como um pano de fundo para as críticas em relação à Psicologia vigente. Neste cenário, as personagens se deram conta do problema epistemológico de construir uma Psicologia Social apropriada para a realidade brasileira. Segundo o relato de Sandoval, a Psicologia ainda não se posicionava de forma crítica e política frente às problemáticas sociais. Com isso, apesar de a ditadura não ser um “disparador” em si mesmo, percebeu-se neste evento histórico um inimigo concreto e uma forma de iniciar práticas mais críticas e politizadas dentro da Psicologia, as quais visassem a instrumentalizar a população para enfrentar a ditadura, em vez de adaptá-la a este contexto - tal como foi o papel da Psicologia, na época.

As entrevistas trouxeram grande riqueza no sentido de compreender que as personagens anteriores às entrevistadas, como Joel Martins, Anielia Ginsberg, Annita Cabral e Silvia Lane foram de grande importância no início deste movimento, pois, como bandeirantes, abriram o caminho para que este processo acontecesse. Portanto, cabe lembrar que, em sendo a memória um processo coletivo (Halbwachs, 1995), os pensamentos, imagens e afetos de personagens anteriores, ressoam nas narrativas dos atores sociais entrevistados. Embora a lembrança seja uma manifestação pessoal, seu tecido é costurado de modo a entrelaçar-se às vozes das várias protagonistas dessa história.



Referências

- Antunes, I. C. B., Silva, R. O. & Bandeira, T. S. (2011). A reforma universitária de 1968 e as transformações nas instituições de ensino superior. Em *Anais da Semana de Humanidades*, XIX. Natal: UFRN. Recuperado em 12 de abril, 2015, de www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT29/A%20REFORMA%20UNIVERSIT%C1RIA%20DE%201968%20E%20AS%20TRANSFORMA%C7%D5ES%20NAS%20INSTITUI%C7%D5ES%20DE%20ENSINO%20SUPERIOR.pdf
- Benjamin, W. (2010). O narrador. Em W. Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 197-221). (S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Brasiliense (Original publicado em 1936).
- Bomfim, E. M. (2004). Históricos cursos de psicologia social no Brasil. *Psicologia e Sociedade*, 16(2), 32-36. Recuperado em 12 de abril, 2015, de www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a05v16n2.pdf
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios em psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Carvalho, B. P. & Souza, T. M. S. (2010). A “escola de São Paulo” de psicologia social: apontamentos históricos. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 713-721. Recuperado em 12 de abril, 2015, de www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a06.pdf
- Goski, P. & Schnaider, L. (Diretores). (2014). *A psicologia social e o social na psicologia* [Documentário]. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia. Recuperado em 12 de abril, 2015, de www.crpsp.org.br/memoria/social/videos.aspx.
- Guedes, M. C. (2008). Memórias da pós-graduação em psicologia no Brasil: a psicologia social da PUC-SP. *Memorandum*, 14, 103-115. Recuperado em 11 de setembro, 2014, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a14/guedes01.pdf
- Halbwachs, M. (1995). Memoria colectiva y memoria historica. *Revista Española de investigaciones sociológicas*, 69, 209-222. Recuperado em 02 de outubro, 2014, de dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/758929.pdf.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Nagamine, J. M. (2003). *A democracia da PUC-SP*. Recuperado em 10 de abril, 2015, de www.pucsp.br/redesenho/downloads/democracia_da_pucsp.pdf
- Olmos, J. R. D. (2003). A relação entre narração e memória como possibilidade metodológica na constituição da história da psicologia no Brasil. *Memorandum*, 4, 40-47. Recuperado em 11 de setembro, 2014, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos04/olmos01.htm.



Sandoval, S. (2000). O que há de novo na psicologia social latino-americana. Em R. H. F. Campos & P. A. Guareschi (Org.s). *Paradigmas em psicologia social: a perspectiva latino-americana* (pp. 101-109). Petrópolis, RJ: Vozes.

Schmidt, M. L. S. & Mahfoud, M. (1993) Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, 4, 285-298. Recuperado em 05 de maio, 2013, de www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481

Thompson, J. B. (2000). A metodologia da interpretação. Em J. B. Thompson. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (pp. 357-427). (P. A. Guareschi e col., Trad.s). Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 1990).

Nota sobre os autores

Paulo Roberto de Andrada Pacheco é psicólogo formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutor em Ciência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP), com estágio de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris/França). Realizou atividade pós-doutoral no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, lecionando disciplinas na graduação em Psicologia, na pós-graduação lato-sensu em Psicologia Organizacional e do Trabalho e na pós-graduação lato-sensu em Neurociência e Psicologia Aplicada. Também é pesquisador da USP. E-mail: paulopac@yahoo.com.br

Aline Pereira é graduanda em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2016), monitora do Laboratório de Estudos de Violência e Vulnerabilidade Social (LEVV), na mesma universidade. E-mail: pereira.aline1@yahoo.com.br

Bárbara Cocenza Carvalho é estudante de graduação em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2016). E-mail: barbara_cocenza@hotmail.com

Eleonora Corazza Stefani é estudante de graduação em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2016) e de Arte: História, Crítica e Curadoria na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É bolsista de iniciação científica (PIBIC/Mackenzie). E-mail: stele17@gmail.com

Fernando de Paula Ensinas é estudante de graduação em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2016). Estagiário de Psicologia Escolar no Colégio Elvira Brandão. E-mail: fernandoensinas@gmail.com

Lurdes Afonso de Andrade é estudante de graduação e licenciatura em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2016). Participou do Grupo de Estudos e Pesquisas Psicossociais do Cotidiano (CNPq/Mackenzie). Participou do treinamento de



desenvolvimento e liderança do Instituto Nacional de Excelência Humana. E-mail: lurdes.psicologia@gmail.com

Sérgio Delboni Martins é estudante de graduação em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2016). E-mail: sergiodelboni@hotmail.com

Data de recebimento: 10/08/2015

Data de aceite: 09/12/2016